

RELIGIÃO E GÊNERO: RELIGIOSIDADE DAS PESSOAS LGBT

Ana Margareth Manique de Melo[1]

Resumo
Este estudo buscou descrever as diferentes visões a respeito da relação religião e gênero. O método utilizado foi o bibliográfico e documental. A interface para análise se deu entre as religiões cristãs – Católica e Protestante – as mulheres e pessoas LGBT, apontando alguns entendimentos e posicionamentos. Embora protestantes e católicos tenham quase sempre postura semelhantes, as motivações e justificativas são diferentes. O objetivo é uma reflexão diante do que foi identificado nesta relação, as influências religiosas sobre o público abordado, nos âmbitos psicológico, físico e social. Assim como, sobre as possibilidades de estar e ser no mundo, levando em consideração esses marcadores, como pilares da construção do ser humano, enquanto ser biopsicossociocultural.

Palavras-chave: Religião. Gênero. Pessoas LGBT.

A religião como fenômeno universal nas sociedades humanas, e presente em diferentes épocas e conjunturas econômicas, sociais e culturais, é composta de crenças e comportamentos que através da tradição religiosa se perpetuam.

Diante de tantas definições e entendimentos sobre Religião, Ávila (2007) nos ajuda trazendo uma característica que perpassa todas, ou seja, referem-se ao Ser e ao que está para além do mundano, proporcionando, para muitos, sentido à vida.

Para complementar o que vem a ser religião, Alves (2012) refere-se a algo que é capaz de falar sobre o sentido da vida, enfatiza o valor desta e a possibilidade da felicidade, trazendo em seus ensinamentos regras e caminhos para alcançar este objetivo. Seria este o principal motivo para que a “fascinação” por ela se perpetue desde o início da formação de grupos humanos, os quais são descritos como as primeiras sociedades, estendendo-se até a contemporaneidade.

Assim como a religião, pilar de construção da sociedade humana, encontra-se gênero, que está diretamente ligado à identidade, a qual é desenvolvida no meio social. Este, enquanto categoria, provocou revolução nos estudos feministas, criou

[1] Universidade Católica de Pernambuco. Aluna bolsista da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). E-mail: anamelo14@hotmail.com



conflitos e reflexões, que serviram como uma espécie de propulsão para criação de novo paradigma, passando da perspectiva biológico-social para a cultural (ROCHA, 2008).

Para proporcionar o entendimento do que vem a ser gênero, Scott (1995) o descreve como um marcador social, onde as relações de poder são estabelecidas a partir das diferenças percebidas entre os sexos. Para isso, leva em consideração a relação entre determinados elementos, como: simbólico, normativo, institucional e identidade subjetiva. Os quais argumenta que não operam em simultaneidade, mas necessariamente entrelaçados.

A relação religião/gênero é vivenciada e descrita ao longo da história da humanidade. Na antiga Europa, as guerras contribuíam para a consolidação de uma sociedade que tinha como base a superioridade socioeconômica e masculina. Percebe-se a continuidade desta postura na antiga sociedade hebraica, podendo ser identificada no Antigo Testamento, com a existência de leis criadas por homens, entre as quais se encontra a definição de mulheres como seres não livres e não independentes, mas sim, como propriedade privada do homem (EISLER, 1989).

A construção de novo referencial de amor e de sexo, ou seja, qualquer ato sexual deve ser realizado entre homem e mulher com intuito de procriação e manutenção da decência, de acordo com Tiradentes (2016) se deu por volta do século XVIII a.C, com o surgimento do judaísmo, criado a partir do rompimento com antigas religiões politeístas.

Este posicionamento é embasado pelos protestantes através da leitura literal da Bíblia, na qual vêm não só a necessidade de submissão da mulher, mas também a condenação da homossexualidade por Ele. Esta é entendida como obra do “inimigo”, e como tal, justifica a reprovação e a negação de provável liberação desta conduta. Entendem que estão dominados pelo demônio, e por isso necessitam abandonar as práticas homossexuais, após serem “exorcizados”.

A autora complementa que um dos possíveis motivos da escassez de poder, de autonomia, de consciência de si, como ausência de empoderamento, tanto das mulheres, como também por grupos minoritários e excluídos, se dão em sociedades onde o homem é colocado em posição de superioridade, e na qual se impõe a importância da descendência. A mulher representa algo e não alguém, quase um



objeto, que deve servir como meio de procriação, dando ênfase à família nuclear[2] como ideal.

Em contrapartida, Nunes (2015) oferece-nos uma interpretação diferenciada desta descrita acima a respeito da influência da religião na vida de mulheres: a possibilidade daquela empoderar, sustentar e consolar. Mesmo sem negar o sexismo das religiões, procura descrever que, não necessariamente, a mulher religiosa é alienada ou precisa de libertação, e aponta a educação teológica, com intuito de compreensão "... que também as relações das mulheres com suas tradições religiosas são complexas e multifacetadas." Pontua a necessidade da relação religião/gênero não ser estudada como polos opostos sem intercessão.

Duarte (2013) acrescenta que alguns representantes desta postura, que a difundem e pregam, encontram-se nas instituições como Assembleia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus, entre outros. Defendem que a homossexualidade além de pecado é uma doença, demonstrando posturas discriminatórias e excludentes, comum às religiões cristãs.

Ainda este autor, nos fala que essa postura moral conservadora é compartilhada pelas classes popular, média e elite. Mas que pode ser observado que a classe com maior nível de letramento, muitas vezes, age de modo menos esperado, dando-se o direito de não se submeter à opressão.

Natividade (2013) corrobora ao dizer que apesar de poder ser observado que os membros das duas religiões, Católica e Protestante, pertencem a diferentes níveis econômicos, sociais e de escolaridade, também é percebido que os que alcançaram maior nível de escolaridade, se 'permitem' infringir certas regras impostas.

Poucos autores desenvolvem estudos e reflexões sobre este tema, quase nunca associam a forma de religiosidade com o nível de escolaridade, mas sim, a uma cultura da opressão, "Se tivéssemos de identificar uma marca da cultura sexual brasileira, diríamos que, infelizmente, é a opressão." (RIOS, *et all* 2007).

Podemos, deste modo, estender estas formas de submissão e exclusão às pessoas LGBT, respectivamente, lésbicas[3], gays[4], bissexuais[5], transexuais[6], ainda

[2] Família composta por um homem e uma mulher.
[3] Mulheres que se sentem atraídas sexualmente por mulheres.
[4] Homens que se sentem atraídos sexualmente por homens.
[5] Pessoas que se sentem atraídas sexualmente por pessoas do mesmo sexo e pelo sexo oposto.



em respeito as mesmas religiões citadas. Dito de outra forma, pessoas que não se enquadram na heteronormatividade.

Porém, há uma nova forma de acessibilidade ao marcador religião, por pessoas LGBT: os segmentos religiosos identificados como igrejas "inclusivas". Estão relacionadas ao movimento gay cristão no Brasil. Embora sejam minoria, apontam para uma "brecha" no que se conhece como modelo normativo (NATIVIDADE, 2013).

Jesus (2012) esclarece o uso de diferentes nomes a respeito do transgênero: as pessoas transexuais – reivindicam o reconhecimento como gênero contrário ao biológico, como mulher trans ou homem trans; e travestis – vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homem ou mulher, mas preferem ser tratadas como mulher. Estes vivenciam o gênero como forma de *identidade.* Ainda compõem este quadro, os crossdressers – são heterossexuais, e sentem prazer em se vestirem como mulher; drag queens, drag kings e transformistas - – vivenciam a inversão de gênero como espetáculo; para estes a mudança de gênero tem *funcionalidade*.

A transexualidade é classificada como transtorno de identidade de gênero. Sob esta classificação o Conselho Federal de Medicina (CFM) entende que o "transexual é portador de desvio psicológico permanente de identidade sexual", a partir desta visão, se apoia para legitimar a cirurgia de adequação da genitália, assim como as características sexuais secundárias. Estas terapêuticas proporcionam a retirada do "espectro da absoluta loucura", o que levou a uma diminuição em tratamento psiquiátrico (ALMEIDA, 2013, p.385).

Jesus (2012) descreve que não há consenso a respeito da causa da transexualidade, são levantadas algumas teorias nas quais se defendem causas biológicas, ou causas sociais, ou ainda, a junção das duas anteriores. Neste contexto a mulher transexual busca ser reconhecida e tratada como ela se reconhece, ou seja, como alguém do gênero feminino. Utilizando-se para isso de nome, aparência e comportamentos femininos. Poderá ser heterossexual, bissexual ou homossexual, dependendo da atração afetivo-sexual que vivenciar.

Há algum tempo, diante da diversidade de demandas espirituais, se percebe que de diversas formas, o mundo religioso está buscando se adaptar a essa

[6] Pessoas que possuem identidade de gênero diversa do seu sexo biológico.



realidade, e cada seguimento, com suas particularidades estão se mobilizando para atrair mais fiéis.

O mercado religioso vive uma grande liberdade em que os líderes religiosos buscam diferentes formas de conquistar fiéis e fidelizá-los. O maior intuito é o crescimento de suas igrejas, ficando explícita uma espécie de "regime concorrencial" desregulado, que em sua maioria, apoia-se em recursos midiáticos. Como destaque, por conta de seu empenho, podem ser citados os pentecostais e os neopentecostais. Mas, é preciso acrescentar que nessa nova configuração, o surgimento de novas propostas de religiosidades e espiritualidades também se fazem presentes. Assim como, também são perceptíveis mudanças e renovações dentro de cada religião. Constata-se que este fato está ocorrendo não apenas no Brasil, mas mundialmente. Como resposta a toda essa dinâmica e efervescência, outro dado vem à tona: o declínio do catolicismo. Demonstrado no Censo Demográfico do ano de 2010. Refletindo uma destradicionalização cultural (PIERUCCI, 2013). Esta ocorreu gradualmente, onde o Brasil vai se desconstituindo como uma "nação católica". Uma das possíveis explicações se dá pelo fato de que nas sociedades pós-tradicionais, seus membros tendem a se desligarem do que lhes é tradicional, desencadeando um processo de "desfiliação" de pertenças sociais e culturais, afetando desta forma as religiões tradicionais.

Porém, não se pode deixar de observar o surgimento do que se entende por "reencantamento do mundo", ao se tomar conhecimento do decréscimo do número de "ateus", "sem religião" e "sem crença alguma", refletindo possíveis associações entre religião e espiritualidade, filosofia e também com magia.

Do exposto acima, mais especificamente, a respeito dos indivíduos pertencentes ao grupo dos sem religião, conclui-se a existência de enorme heterogeneidade, e desta forma criasse dificuldade para possíveis relações entre aqueles e os que não possuem religião, os quais são descritos como pessoas que têm maior renda e escolaridade e que "vivem em centros mais urbanizados, nas regiões mais ricas do país" (NOVAES, 2013).

A faixa etária dos sem religião está, em média, nos vinte e seis anos, segundo o Censo 2010. Para explicar a escolha desses jovens, a autora discorre que na fase de transição da vida jovem para a adulta, é preciso levar em consideração a interferência da globalização econômica e cultural, com fácil acesso através das



tecnologias de comunicação e informação, além das localidades em que estão inseridos, com suas histórias e relações sociais. Já dentro deste mesmo censo, os que se reconhecem como ateus ou agnósticos, entre os jovens, representam 1% dos entrevistados e são caracterizados como brancos, com níveis mais altos, tanto de educação formal quanto a renda.

Brandão (2013) acrescenta que para os jovens nascidos entre 15 e 29 anos atrás, a "diversidade" faz parte do desenvolvimento de suas realidades, já que não se apoiaram em padrões lineares e previsíveis, os movimentos de entradas e saídas no sistema educacional e mercado de trabalho são fato, a tradição religiosa transgeracional quase ausente associada a vida sexual e casamento não estarem, necessariamente, interligados, leva a uma limitada interferência da autoridade religiosa. Tudo isso potencializado pelo acesso as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Para demonstrar a forte presença das tecnologias na vida dos jovens e as várias formas de ser sem religião, a colocação de uma jovem se faz pertinente: "Na igreja a gente participa, mas não interage. Já na internet posso expressar minha fé de maneira mais livre, tenho contato com pessoas de crenças diferentes.

A construção da personalidade e singularidade se dá com as experiências vividas, por sua vez, estas são amparadas em alguns pilares, como o biológico, o social, o financeiro, o emocional, o espiritual, e suas extensões, dessa forma o ser humano é compreendido como *biopsicoculturalsocial.* Durante este processo, aquele que se reconhece com uma identidade de gênero transexual, vivencia sofrimento quase que permanente com as rejeições e exclusões recorrentes.

Ao buscar estudar e refletir sobre religião, gênero e educação formal tenho me deparado com certa dificuldade, pois muito já se pesquisou sobre os temas, mas em separado.

Rios (2007, p.16) nos fala sobre a cultura da opressão, "Se tivéssemos de identificar uma marca da cultura sexual brasileira, diríamos que, infelizmente, é a opressão". Entende que esta cultura, pode e deve ser transformada.

Paulo Freire, citado por Ecco (2015), trouxe duas possíveis formas de contato com a educação. Educação Bancária, que oprime, aliena, desumaniza. E Educação Libertadora, na qual prevalece o objetivo de alcançar conscientização, autonomia,



humanização dos educandos; capaz de proporcionar verdadeiras transformações de pessoas em cidadãos e sujeitos da sua história.

Dentro do contexto social, Vaggione (2015) nos traz que as religiões são pilares cultural e político, e por isso, os vê como responsáveis pela manutenção dos sistemas de poder, quais sejam, o patriarcado e a heteronormatividade.

Associando alguns paradigmas na vida cotidiana, é percebido um sofrimento *intenso,* como constante, em pessoas transexuais. Ocorre este sentimento pela não congruência destas com seu sexo biológico, porém, de modo mais devastador, ele é sentido pela imposição da normatividade cultural vigente, pela qual se efetiva a discriminação e exclusão (ARÁN, 2008).

Considerando o exposto acima, há de se refletir se esta forma de relação com o sagrado se daria entre mulheres trans, levando em consideração que talvez não haja possibilidade de escolha, pois a exclusão em diferentes níveis de escolaridade, não a permitiria. Será que a educação oferecida de maneira alienante, opressora, excludente, gera sofrimento, não apenas para pessoas transexuais, mas para todas que sejam consideradas fora da heteronormatividade?

Para corroborar, Bento (2011) nos fala não de evasão, mas de expulsão, pois fica claro que não é permitida participação, engajamento em grupos, nas aulas, nos intervalos, nas brincadeiras, ou seja, no convívio com os considerados estranhos, aberrações, doentes.

Alguns exemplos desta repressão são a rejeição familiar, principalmente com a reprovação dos pais, bullying[7] na escola e a violência médica durante a intervenção necessária para adequação dos corpos, em especial as genitálias (AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO, 2014).

A exclusão também ocorre por parte de algumas religiões, levando transexuais e travestis, a vivenciarem uma religiosidade em suas residências, recorrendo às orações e preces aprendidas ainda quando crianças, ao acompanharem seus pais às igrejas. Pois, no momento em que sua sexualidade começa a apresentar sinais visíveis em seus corpos, a segregação se faz presente (BONFIM, 2009).

[7] A autora usa a expressão “bullyng na escola”, mas neste trabalho, essas práticas são entendidas como homofobia e transfobia.



Percebe-se ser imprescindível o respeito à integralidade do sujeito, independente de sua identidade de gênero e sexual, pois este é detentor de direitos, e como tal tem a liberdade de agir, vestir, interagir, enfim, ser e estar no mundo a partir de si e dos referenciais por ele eleitos, como cidadão de direitos e deveres.

Esta pesquisa buscou contribuir para construção de novos paradigmas, como ferramenta no enfrentamento das diversas formas de preconceitos e discriminações vivenciadas pelas pessoas transexuais, especificamente mulheres trans, trazendo à baila como se dão e quais vivências com a religiosidade se fazem presentes no cotidiano deste grupo específico.

Há necessidade do desenvolvimento de pesquisas como esta, no intuito de ofertar meios que proporcionem o desenvolvimento do ser humano enquanto membro e cidadão do mundo.

Este trabalho vai contribuir com a ampliação da reflexão dentro das Ciências da Religião, com a possibilidade de elaboração de políticas públicas para este seguimento, com a pessoa trans, no sentido de proporcionar reflexão que pode empoderá-la.

Considerações finais

Entende-se que a cultura que oprime, submete, subjuga, enquadrar, apoiando-se na heteronormatividade, pode e deve ser transformada.

É fundamental refletir sobre o quanto essas instituições e seus dogmas podem distorcer comportamentos e sentimentos, julgando-os inadequados, levando aos que os possuem, a sentirem-se culpados, impelindo-os a agirem de modo "cego" para que possam corresponder aos paradigmas sociais descritos pelas mesmas.

É preciso levar em consideração, as conquistas dos movimentos feministas e LGBT, e seus processos históricos.

Faz-se necessário a abertura para o diálogo entre os envolvidos, no intuito de ofertar meios que proporcionem o desenvolvimento do ser humano enquanto membro da sociedade, enquanto cidadão.

Devemos nos posicionar e auxiliar, dentro do campo de atuação de cada um, para que posturas que levam à discriminação e exclusão, exercidas pelas religiões ao grupo que não se enquadra na heteronormatividade, possam ser revistas. Assim



como também, construir meios que possam acolher o sofrimento, seja este psicológico, social ou físico.

Para isto, é imprescindível que seja estimulado o respeito à integralidade do sujeito enquanto ser que vivencia sua religiosidade, ou mesmo a ausência desta, independente de sua identidade de gênero e sexual, proporcionando a liberdade de agir, vestir, interagir, enfim, ser e estar no mundo a partir de si e dos referenciais por ele eleitos.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. **Brasil concentra mais da metade dos assassinatos de LGBTs no continente segundo OEA.** Disponível em: <http://agenciapatriciagalvao.org.br/lgbt_/brasil-concentra-mais-da-metade-dos-assassinatos-de-lgbts-continente-segundo-oea/ > Acesso em 26.04.2018.

ALMEIDA, Guilherme; MURTA, Daniela. Reflexões sobre a possibilidade da despatologização da transexualidade e a necessidade da assistência integral à saúde de transexuais no Brasil. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana,** Rio de Janeiro, n. 14, p. 380-407, 2013.

ALVES, Rubem. **O que é religião.** 13. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

ARÁN, Márcia; ZAIDHAFT, Sérgio; MURTA, Daniela. Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 1, 2008.

ÁVILA, Antônio. **Para conhecer a Psicologia da Religião.** São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BENTO, Berenice. Dossiê gênero e sexualidade no espaço escolar. **Revista Estudo Feminino**. Vol.19, n. 2. Florianópolis. Maio/Ago 2011. Disponível em: < http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200016 > Acesso em 13.11.2018.

BONFIM, Patrick Thiago do Santos. **Discriminação e preconceito:** identidade, cotidiano e religiosidade de travestis e transexuais. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Brasília, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Catolicismo. Catolicismos? In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs). **Religião em movimento:** o Censo de 2010. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DUARTE, Luiz F. D. Desejo à diferença – À guisa de prefácio. In: NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro de (Orgs). **As novas guerras sexuais**: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil. Cidade: Editora, 2013.



ECCO, Idanir; NOGARO, Arnaldo. **A EDUCAÇÃO EM PAULO FREIRE COMO PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO**. 2015. Disponível em: <educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18184_7792.pdf > Acesso em: 23.03.2018.

EISLER, Riane. **O Cálice e a Espada:** Nossa História, nosso Futuro. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2008.

JESUS, Jaqueline Gomes de**. Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos Disponível em: https://www.researchgate.net/.../234079919_Orientacoes_sobre_Identidade_de_Gener... Jaqueline Gomes de Jesus. Brasília, 2012. 42 p. Acesso em 07.11.2018.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro de. **As novas guerras sexuais:** diferença, poder religioso e identidade LGBT no Brasil. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Garamond, 2013

NOVAES, Regina. Jovens sem religião: sinais de outros tempos. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs). **Religião em movimento:** o Censo de 2010. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

NUNES, Maria J. R. As complexas relações entre religião e gênero. In: **Gênero, feminismo e religião**: Sobre um campo em constituição. 1.ed. – Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

PIERUCCI, Antônio Flávio. O crescimento da liberdade e o declínio da religião tradicional: a propósito do Censo de 2010. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs). **Religião em movimento:** o Censo de 2010. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

RIOS, Luís Felipe; ALMEIDA, Vagner; PARKER, Richard. **Juventude e homossexualidade:** O que os pais precisam saber. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, 2007.

ROCHA, Maria José Pereira. Gênero e religião sob a ótica da redescrição. **Revista da Abordagem Gestáltica.** v. XIV, n. 1, p. 102-108, jun, 2008. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v14n1/v14n1a15.pdf Acesso em: 13 jun. 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade,** Porto Alegre, v. 20, n.2, p.71-99, jul/dez, 1995.

TIRADENTES, Adrielly Francine Rocha. **Direito, religião e orientação sexual:** os paradoxos ao reconhecimento da família homoafetiva. Pouso Alegre – MG: FDSM, 2016. Disponível em: https://www.fdsm.edu.br/mestrado/arquivos/dissertacoes/2016/18.pdf Acesso em: 17 jul. 2017.

VAGGIONE, Juan Marco. A religião e a política no tempo dos direitos sexuais e reprodutivos. In: NUNES, M. José Rosado (Org). **Gênero, feminismo e religião:** Sobre um campo em constituição. Rio de Janeiro, Garamond, 2015.